



INSTITUTO DE LÍNGUA E LITERATURA PORTUGUESAS

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**OS PROGRAMAS DE PORTUGUÊS
DOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO**

Actas das III JORNADAS
CIENTÍFICO-PEDAGÓGICAS
DE PORTUGUÊS

Organizadores

Cristina Martins(coord.)

Albano Figueiredo

Isabel Pereira

Luísa Azevedo

2008

O MÓDULO “FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA”
DOS PROGRAMAS DE PORTUGUÊS
À LUZ DA NOVA “TERMINOLOGIA LINGUÍSTICA
PARA OS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO”¹

CRISTINA MARTINS
Universidade de Coimbra

1. Apresentação da *Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário*

A *Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário* (TLEBS) é um documento de orientação da prática lectiva na área do

¹ Já depois da conclusão do presente texto, em Dezembro de 2005, reflexo directo do trabalho desenvolvido na oficina por mim orientada nas Jornadas, cujas actas apenas em 2008 se puderam publicar, foi noticiada a suspensão da generalização da TLEBS nas escolas e uma revisão deste documento orientador, medidas surgidas na sequência da polémica mediática que em torno dele se gerou. Após um longo processo de revisão, que passou pela consulta a diversas entidades (escolas, associações de professores, centros de investigação em Linguística, especialistas e intelectuais) e também ao público em geral, foi, no final do primeiro semestre de 2008, colocada na página do Ministério da Educação, e concretamente em <http://tlebs.dgicd.min-edu.pt/>, o documento intitulado *TLEBS. Dicionário terminológico para consulta em linha*. Estava o presente artigo já em fase de provas finais quando tive acesso à última versão disponível deste documento. Entendi, ainda assim, que deveria procurar incorporar nesta reflexão os aspectos da versão revista da TLEBS (doravante TLEBS-R) que pudessem comprometer a actualidade e a utilidade deste meu trabalho. Uma vez que não seria, por várias ordens de razões, exequível proceder à reformulação integral do presente texto (já em fase de publicação), optei pela adopção de um sistema de [notas de actualização da autora], assinalando, precisamente, entre parêntesis rectos, as observações novas julgadas mais necessárias. Aos leitores peço compreensão e, desde já, as minhas desculpas pelo desconforto que esta opção acrescentará à leitura deste trabalho.

Funcionamento da Língua dos programas de Português, publicado em Dezembro de 2002, em CD-ROM, na forma de base de dados, e, já como diploma legal, em 2004 (Portaria nº 1488/2004 de 24 de Dezembro). Vem substituir o diploma análogo anteriormente em vigor, o documento intitulado *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* (NGP) (Portaria nº 22664 de 28 de Abril de 1967), que foi sendo progressivamente desautorizado, quer pela prática pedagógica efectiva dos professores de Português, orientada, em numerosos casos, pelos manuais escolares, quer ainda, e espantosamente, pelos próprios textos programáticos da responsabilidade directa do Ministério da Educação (ME)². Acresce a estas circunstâncias que a investigação em Linguística, mormente a de pendor descritivo que tem por objecto a língua portuguesa, muito avançou e se desenvolveu nas últimas décadas, factores que, em confluência, justificavam a edificação de um novo documento orientador.

A TLEBS³ encontra-se estruturada em vários domínios, a saber: **A. Língua, comunidade linguística, variação e mudança; B1. Fonética e Fonologia; B2. Morfologia; B3. Classes de palavras; B4. Sintaxe; B5. Semântica lexical; B6. Semântica frásica; B7. Pragmática e Linguística textual; C. Lexicografia; D. Representação gráfica da língua.** [A TLEBS-R assume uma estrutura com algumas alterações dignas de nota relativamente à versão original de 2002: **A. Língua, comunidade linguística, variação e mudança; B.1. Fonética e Fonologia; B.2. Morfologia; B.3. Classes de palavras; B.4. Sintaxe; B.5. Lexicologia; B.6. Semântica; C. Análise do discurso, Retórica, Pragmática e Linguística textual; D. Lexicografia; E. Representação gráfica.** A mais significativa destas alterações estruturais terá sido a que afectou o

² A este propósito, consulte-se o anexo I. No quadro apresentado o leitor encontrará, assinalados a negrito, todos os termos utilizados nos programas de Português/Língua Portuguesa do 3º ao 9º ano de escolaridade que não respeitam as determinações da NGP de 1967, a saber: **nome** (apenas uma vez surge a designação **substantivo**), **determinante**, formas verbais de **presente-futuro**, interrogativa **directa**, orações subordinadas relativas restritivas **com antecedente**, conjunções **completivas**, palavras **entrecruzadas** e **dígrafo**. Recorde-se que estes programas, ao contrário do que sucede com os do 10º, 11º e 12º anos, entraram em vigor antes da publicação de TLEBS, pelo que deveriam seguir, na terminologia adoptada, a NGP.

³ Doravante todas as referências à TLEBS remetem para a base de dados publicada em 2002 em CD-ROM. [Já as referências à TLEBS-R, como se esclareceu na nota 1, remetem para a base de dados disponível no sítio <http://tlebs.dgicd.min-edu.pt/> e acedida, pela última vez, a 24/7/2008].

original domínio **B7. Pragmática e Linguística textual**. Este, tendo sofrido uma profunda reformulação, deu lugar, na TLEBS-R, ao novo domínio **C**, agora intitulado *Análise do discurso, Retórica, Pragmática e Linguística textual*⁴. Dada a extensão e as implicações epistemológicas destas transformações, optei, no anexo a este trabalho, por suprimir todas as alíneas e referências que, nos quadros nele apresentados, remetiam para o primitivo domínio da *Pragmática e Linguística textual*].

O processo de constituição da base de dados e escolha dos termos a adoptar foi participado por equipas de linguistas e por docentes de diferentes níveis de ensino, tendo sido objecto de um acompanhamento atento e permanente, não só por parte de responsáveis do ME, mas também da Associação de Professores de Português (APP) e da Associação Portuguesa de Linguística (APL). [Já o processo de revisão que culminou na apresentação pública da actual TLEBS-R se encontra detalhadamente descrito em <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/linguaportuguesa/Paginas/RELATORIOTLEBS.aspx>].

Os princípios estruturadores do documento são os seguintes: economia⁵, hierarquização⁶, abertura⁷, flexibilidade⁸, neutralidade paradigmática⁹ e complementaridade¹⁰. Importa sublinhar, e nunca será

⁴ [Cf. o que a este respeito é referido no documento *RELATÓRIO – Terminologia Linguística: revisão e consulta pública* (<http://sitio.dgicd.min-edu.pt/linguaportuguesa/Paginas/RELATORIOTLEBS.aspx>).

⁵ "A TL integra em cada um dos seus níveis de organização o conjunto dos termos nucleares considerados necessários a um trabalho de reflexão formal básica sobre a língua" (TLEBS, 2002).

⁶ "A TL organiza-se de uma forma estruturada evidenciando as relações entre os termos e permitindo modos diferenciados de apropriação, por exemplo, consoante o nível de escolaridade" (TLEBS, 2002).

⁷ "A TL, ao evidenciar os seus princípios de organização, deixa em aberto a possibilidade de futuras alterações consistentes" (TLEBS, 2002). Aliás, em consonância com este princípio, o diploma legal que institui a TLEBS determina, nos seus números 1, 4 e 5, que o documento é adoptado como experiência pedagógica durante três anos lectivos e que, findo este prazo, "a TLEBS entrará em vigor generalizadamente, tal como agora é aprovada, ou com as alterações que (...) [se] vierem porventura a aconselhar".

⁸ "A TL não define, e muito menos impõe, um percurso pedagógico específico, antes supõe uma sua utilização flexível, determinada pelas características de cada contexto pedagógico específico" (TLEBS, 2002).

⁹ "A TL não reivindica nenhum paradigma teórico, estruturando-se sobre conceitos operatórios que se entende traduzirem zonas significativas de consenso" (TLEBS, 2002).

demais fazê-lo, que a TLEBS se constitui como um **instrumento de trabalho destinado aos docentes, não se tratando**, deste modo, de uma **gramática escolar**. Só assim se compreendem, e em particular, os princípios estruturadores, tal como se encontram definidos, da hierarquização, abertura e flexibilidade.

Tratando-se de um instrumento para uso dos docentes, este deverá articular-se, como é óbvio, com os demais instrumentos disponíveis, i.e., e muito especificamente, com os programas oficiais em vigor. Olhada isoladamente, em si e por si, poderá parecer que a TLEBS[-R] exigirá dos docentes uma reconfiguração radical do ensino do funcionamento da língua. Convirá, no entanto, reiterar que a TLEBS[-R] é **um instrumento ao serviço do cumprimento dos programas** e que são os conteúdos curriculares contemplados nestes últimos os que deverão merecer a atenção privilegiada dos professores. Dito isto, uma observação atenta do módulo *Funcionamento da língua* dos programas de Português à luz da TLEBS é o que importa, de momento, empreender. A análise articulada destes dois elementos revelará que as alterações a considerar estão longe de serem numerosas ou esmagadoras, não exigindo dos professores uma alteração abrupta dos seus hábitos e saberes, oferecendo-lhes, antes, uma oportunidade para repensar alguns desses mesmos hábitos e saberes e para reflectir sobre os seus fundamentos científico-pedagógicos.

2. O módulo *Funcionamento da Língua* nos programas de Português/Língua Portuguesa

Embora investigações psicolinguísticas já tenham demonstrado que as actividades metalinguísticas das crianças são espontâneas, muito precoces, iniciando-se, claramente, antes da entrada para o 1º ciclo do ensino básico (CEB)¹¹, a verdade, porém, é que apenas no 3º ano de escolaridade surge, nos programas de Língua Portuguesa, o módulo especificamente designado *Funcionamento da Língua*. Este módulo está, de resto, contemplado em todos os programas de Português/Língua Portuguesa até ao 12º ano. Contudo, e como já foi referido¹², apenas os mais recentes programas do ensino secundário obedecem à organização

¹⁰ “A TL integra um conjunto mais amplo de instrumentos, designadamente, um glossário de termos e uma base de dados; é à luz deste conjunto mais vasto de elementos que a TL ganha todo o seu sentido” (TLEBS, 2002).

¹¹ Cf. um “estado da arte” sobre esta problemática em Martins, 2008.

¹² Cf. a nota 2.

e terminologia adoptada na TLEBS, já que os demais, os do 1º, 2º e 3º CEB, entraram em vigor antes do aparecimento [da primeira versão] deste documento orientador. São estes últimos, por este motivo, os que requerem uma atenção redobrada, já que é necessário (i) organizar os conteúdos nele contemplados pelas áreas da TLEBS e (ii) assinalar os termos/conceitos que mereceram alterações. São estas, pois, as tarefas a realizar no presente trabalho¹³.

No que concerne à organização dos conteúdos curriculares do módulo *Funcionamento da Língua* pelas áreas previstas na TLEBS, esta encontra-se concretizada no anexo a este texto. O trabalho a realizar pelo professor encontra-se, deste modo, facilitado: para a preparação dos conteúdos e para a revisão dos respectivos conceitos bastará aceder e percorrer o domínio da base de dados da TLEBS correspondente, tomando atenção aos casos, devidamente assinalados no anexo, em que um dado conteúdo é mais cabalmente tratado em mais do que um domínio¹⁴.

Neste mesmo anexo encontrar-se-ão algumas expressões sublinhadas, sendo que são precisamente estas as que mereceram alterações na TLEBS[-R]. Algumas dessas modificações são essencialmente terminológicas, mas outras são fundamentalmente conceptuais. Vejamos, em primeiro lugar, as de mais fácil tratamento, i.e., as expressões que foram objecto de modificações mais estritamente terminológicas:

¹³ [Uma tarefa desta natureza foi, entretanto, empreendida por Figueiredo e Oliveira (2008). O documento em questão esteve à consulta pública e encontrava-se ainda disponível em linha, nos finais de Julho de 2008, em http://sitio.dgidc.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/orientacoes_didacticas.pdf. Os quadros de sistematização que organizei (originalmente em 2005) para este artigo, e que são apresentados em anexo (já contemplando numerosos refinamentos posteriores), obedecendo a uma estrutura e filosofia diferentes daquelas que presidem ao trabalho de Figueiredo e Oliveira (2008), poderão, segundo creio, contribuir para complementá-lo].

¹⁴ [Ressave-se, no entanto, o esclarecimento prestado na nota 46, apresentada no anexo a este trabalho].

Termos		
Programas 1º, 2º e 3º CEB	TLEBS[-R]	Domínio da TLEBS
substantivo	nome	<i>Classes de palavras</i>
conjunções integrantes	conjunções completivas	<i>Classes de palavras</i>
adjectivo atributo	adjectivo qualificativo ¹⁵	<i>Classes de palavras</i>
numeral cardinal	quantificador numeral ¹⁶	<i>Classes de palavras</i>
numeral ordinal	adjectivo numeral ¹⁷	<i>Classes de palavras</i>
derivação imprópria	conversão ¹⁸	<i>Morfologia</i>
mudança de fonemas	alteração de segmentos	<i>Fonética e Fonologia</i>
acrescentamento de fonemas	inserção de segmentos	<i>Fonética e Fonologia</i>
estrangeirismo	empréstimo	<i>Semântica lexical</i> ¹⁹
atributo	modificador (do nome) ²⁰	<i>Sintaxe</i>
aposto	modificador (do nome) apositivo ²¹	<i>Sintaxe</i>
complemento determinativo	complemento do nome ²²	<i>Sintaxe</i>
tempos compostos dos verbos	complexo verbal ²³ [embora na TLEBS-R se recupere a expressão tempos compostos dos verbos ²⁴]	<i>Morfologia/Sintaxe</i> ²⁵

¹⁵ [Na TLEBS-R, **adjectivo qualificativo** tem a seguinte definição: “Adjectivo que exprime tipicamente a qualidade, i.e., um atributo do nome. Tipicamente, a posição dos adjectivos qualificativos é pós-nominal. Uma subclasse de adjectivos qualificativos ocorre à direita e à esquerda do nome, correspondendo esta ordem a interpretações diferentes (...). Alguns adjectivos qualificativos têm uma posição pós-nominal obrigatória (...)”].

¹⁶ [Na TLEBS-R, **quantificador numeral** tem a seguinte definição: “Quantificador que expressa uma quantidade numérica inteira precisa (numeral cardinal), um múltiplo de uma quantidade (numeral multiplicativo), ou uma fracção precisa de uma quantidade (numeral fraccionário). Os quantificadores numerais fraccionários e multiplicativos são, muitas vezes, locuções (metade de, dobro de, etc)”].

¹⁷ [Na TLEBS-R, **adjectivo numeral** tem a seguinte definição: “Adjectivo que pertence à classe tradicional dos numerais ordinais, como, expressando ordem ou sucessão. Os adjectivos numerais ocorrem geralmente em posição pré-nominal, antecedidos por artigos ou demonstrativos e, eventualmente, por possessivos”].

¹⁸ [Na TLEBS-R, **conversão** tem a seguinte definição: “Processo de formação de palavras, também chamado derivação imprópria, que procede à integração de uma dada unidade lexical numa nova classe de palavras, sem que se verifique qualquer alteração formal”].

¹⁹ [Na TLEBS-R, o termo passou a figurar no domínio da *Lexicologia*].

²⁰ [Na TLEBS-R, o termo **modificador** surge em diversos subdomínios da área da *Sintaxe*. No caso vertente, o do **modificador do nome**, a informação relevante encontra-se subordinada à alínea *Funções sintácticas internas ao grupo nominal*. Entende-se, então, **modificador**, do seguinte modo: “Função sintáctica desempenhada por constituintes não seleccionados por nenhum elemento do grupo sintáctico de que fazem parte. Por não serem seleccionados, a sua omissão geralmente não afecta a gramaticalidade de uma frase. Os modificadores podem relacionar-se com frases ou orações, constituintes verbais ou nominais. Os modificadores podem ter diferentes formas e diferentes valores semânticos”. Os **modificadores do nome**, por sua vez, poderão ser **restritivos** ou **afirmativos**].

²¹ [Na TLEBS-R, o termo **modificador afirmativo** tem a seguinte definição: “Modificador do nome que não restringe a referência do nome que modifica. Os elementos que podem funcionar como modificadores afirmativos são, tipicamente, grupos nominais ou orações relativas explicativas”].

²² [Na TLEBS-R, o termo **complemento do nome** tem a seguinte definição: “Complemento seleccionado por um nome. O complemento do nome pode ser um grupo preposicional (oracional ou não oracional) ou, menos frequentemente, um grupo adjectival. Um nome pode seleccionar mais de um complemento. Os complementos do nome são sempre de preenchimento opcional.”].

²³ [O termo **complexo verbal**, definido como uma “sequência de um ou mais verbos em que apenas um deles é um verbo principal e os restantes verbos são verbos auxiliares”, mantém-se na TLEBS-R, no domínio da *Sintaxe* (subordinado ao termo **grupo verbal**), como um “termo-chapéu” sob o qual se albergam diversos tipos de construções verbais complexas. Observando os exemplos que acompanham a definição deste termo —(i) O João tem trabalhado muito. (complexo verbal: “tem trabalhado”), (ii) O João tem de

No que concerne às alterações do segundo tipo, consideraremos as que afectam os seguintes tópicos:

- a) O tratamento do **grau e género dos nomes** enquanto mecanismos **flexionais**;
- b) O **grau dos adjectivos** enquanto mecanismo **flexional**;
- c) A equivalência entre **palavras variáveis e palavras flexionáveis**;
- d) A noção de **oração**;
- e) A noção de **predicado**;
- f) O conceito de **complemento circunstancial**;
- g) Subtipos de **advérbios**²⁶.

Trataremos, neste texto, e dada a sua relevância e complexidade, apenas os tópicos a) b) e c) no ponto 2.1 e d), e) e f) no ponto 2.2.

começar a trabalhar muito. (complexo verbal: "tem de começar a trabalhar"), (iii) O João vai começar a poder trabalhar muito. (complexo verbal: "vai começar a poder trabalhar")—, facilmente se compreende que, para além dos tempos compostos dos verbos, outras construções, entre as quais algumas das que tradicionalmente se têm designado "perifrásticas", são abrangidas pela designação genérica de **complexo verbal**].

²⁴ [No subdomínio da *Morfologia flexional* da TLEBS-R encontramos os seguintes termos (e respectivas definições) relevantes para a compreensão desta questão: (i) **flexão** ("especificação das propriedades morfossintácticas das palavras variáveis sensível à sua categoria. Geralmente, a flexão manifesta-se através de processos morfológicos como a afixação, embora haja instâncias de flexão que não envolvem afixação, como, por exemplo, a formação dos **tempos compostos dos verbos**"); e (ii) **flexão verbal** ("flexão dos verbos. Em português, os verbos flexionam em tempo, modo, pessoa e número. Os paradigmas de flexão verbal incluem, tradicionalmente, os **tempos compostos**, embora estes não sejam realizados através de processos flexionais de afixação")].

²⁵ [Conforme se depreende da leitura das notas anteriores, na TLEBS-R o termo **tempo composto do verbo** encontra-se no domínio da *Morfologia*, enquanto que o de **complexo verbal** se mantém no da *Sintaxe*].

²⁶ [A tipologia de advérbios da TLEBS-R encontra-se explicitada e exaustivamente tratada no módulo *Classes de palavras*, e mais especificamente no ponto B.3.1., *Classe aberta de palavras*. Uma útil referência, não só para a compreensão mais cabal das propriedades e das especificidades dos advérbios e dos seus subtipos, mas também para propostas de didactização neste domínio é o trabalho de Costa e Costa, 2001].

2.1. Flexão de género e grau

Uma das questões que mais "reconversão" exigirá aos docentes, atendendo à prática instituída e à descrição gramático-pedagógica existente, é a consideração do género dos nomes e do grau dos adjectivos como resultantes (também) de mecanismos **não flexionais**. Entendamo-nos: afirmar que o grau e o género se constroem, em português, por vias alternativas aos mecanismos flexionais **não equivale** a dizer que o género dos nomes e o grau dos adjectivos deixaram de existir na TLEBS[-R].

Para compreender cabalmente esta problemática, será necessário, antes de mais, atender ao que se entende por **flexão**. Trata-se de um **processo morfológico** (sendo que o **domínio morfológico** é o da **palavra**²⁷), **sistemático e obrigatório** (cf. Villalva *in* Mateus *et al.*, 2003: 956). Atendendo a estes requisitos, é, por exemplo, pacífico reconhecer-se que o processo de pluralização de nomes e adjectivos é flexional: a regra ("agregar morfema do plural -s ao tema nominal/adjectival"²⁸) é obrigatória, diz respeito a alterações que se processam dentro das fronteiras de cada nome ou adjectivo a que se aplique (logo, é morfológica) e é sistemática, i.e., afecta a esmagadora maioria dos exemplares pertencente a cada uma destas classes de palavras.

Vejamus se o mesmo sucede com o **género nominal**. Na verdade, e atendendo à prática instituída na descrição gramatical portuguesa e, consequentemente, na actividade pedagógica, que toma por exemplos paradigmáticos casos como *gato/gata*, *professor/professora*, *juiz/juíza*, *freguês/freguesa*, poderíamos ser levados a concluir que o género nominal tem uma natureza flexional. O género dos nomes é obrigatório (no sentido em que todos os nomes têm género), tem carácter morfológico e o contraste de género, atendendo precisamente a este tipo de exemplos, parece ser sistemático. A regra, inferida a partir destes casos, será "agregar à direita do radical o morfema -o/ø para marcar o masculino e -a para o feminino". Atendamos, no entanto, aos seguintes contra-exemplos:

²⁷ [Recorde-se a ressalva que, na TLEBS-R, se observa a este requisito no âmbito da definição do termo **flexão**, mormente a propósito dos **tempos compostos dos verbos** (cf. a nota 24)].

²⁸ O **tema** é um **constituente morfológico** composto pelo **radical** e o respectivo **índice temático**. Daremos maior atenção a estes termos mais adiante.

- (i) o cinema, a tribo
- (ii) a sede, o envelope
- (iii) o café, a maré
- (iv) a timidez, o chamariz; a colher, o sabor
- (v) o rim, a nuvem; o sabão, a solução
- (vi) mesa/*meso, cadeira/*cadeiro, rádio/*rádia, tronco/*tronca
- (vii) o/a jornalista, o/a estudante, o/a personagem
- (viii) o corvo/o corvo-fêmea, a águia/a águia-macho, o elefante/o elefante-fêmea
- (ix) galo/galinha, herói/heroína, duque/duquesa, barão/baronesa, abade/abadessa
- (x) rei/rainha, homem/mulher, macho/fêmea, boi/vaca, cavalo/égua
- (xi) o cônjuge, a criança, o ser
- (xii) casa/caso, luta/luto, porta/porto
- (xiii) o/a capital
- (xiv) espinha/espinho, banca/banco, ova/ovo, tampa/tampo, cesta/cesto
- (xv) a/o rádio, a/o polícia.

Através da observação destes contra-exemplos, pode facilmente concluir-se o seguinte:

- a) Nem todos os nomes terminados em *-a* são femininos e nem todos terminados em *-o* são masculinos (cf. (i)).
- b) Nem todos os nomes terminam em *-o* e *-a*; há-os, e em número substancial, que terminam em *-e* átono (cf. (ii)), vogal tónica (cf. (iii)), consoante (cf. (iv)), vogal ou ditongo nasal (cf. (v)).
- c) Todos os nomes têm um valor de género gramatical, mas nem todos (a esmagadora maioria) **flexionam** em género, mesmo os que terminam em *-o/-a* (cf. (vi)).
- d) Os contrastes de género de nomes como *gato/gata*, *professor/professora*, *juiz/juíza*, *freguês/freguesa* associam-se a contrastes de sexo dos respectivos referentes extralinguísticos. Acontece que contrastes de género associados a diferenças de sexo dos referentes se evidenciam igualmente nos exemplos (vii), (viii), (ix) e (x), sem que, nestes casos, se recorra a mecanismos flexionais. Na verdade, nos exemplos (vii), os contrastes de género são assegurados por um **mecanismo sintáctico** (co-ocorrência do respectivo determinante); em

(viii) e (ix), sendo-o, embora, por mecanismos **morfológicos**, trata-se de **composição**, no caso de (viii) (nomes **epícenos**²⁹), e de **derivação**, no de (ix); em (x) observamos, por fim, o recurso a um **contraste lexical**. Existem ainda nomes, congregados em (xi), os **sobrecomuns**³⁰, que, tendo por referentes entidades que são sexuadas e animadas, não admitem, contudo, qualquer contraste de género gramatical.

e) A oposição *-o/-a* participa, nos casos de (xii) e (xiv), na formação de contrastes lexicais (ainda que concomitantes com a alteração de género dos respectivos nomes). Nos exemplos de (xiv), e dada a relação semântica entre os pares de nomes (o que, já com o recurso a mecanismos sintácticos, igualmente sucede em (xv), mas não em (xiii)), estes constituintes morfológicos parecem assumir, igualmente, propriedades derivacionais.

Assim sendo, concluir-se-á que o **género**, presente em todo e qualquer nome, é uma categoria que não se expressa, na esmagadora maioria dos casos, de um modo flexional.

As vogais átonas *-o*, *-a* e *-e* que surgem, então, na fronteira à direita da maioria dos nomes no singular terão outra função. Denominam-se **índices temáticos** (IT), pois o seu papel, de natureza classificatória, assemelha-se ao que é desempenhado, nas formas verbais, pela **vogal temática**³¹. Deste modo, um nome como *mesas* (**palavra simples**) terá a seguinte estrutura interna:

²⁹ Como se esclarece na errata à base de dados da TLEBS publicada, a 7/10/2005, pela Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (<http://www.dgicd.min-edu.pt/TLEBS/Errata.pdf>), as definições para as entradas **nome epícenos** e **nome sobrecomum** foram trocadas. Os termos são usados, no presente texto, do modo já corrigido. [Observe-se ainda, a este propósito, a seguinte definição do termo **género** (incluído no domínio da *Morfologia* da TLEBS-R): "Categoria morfossintáctica que está presente em todos os nomes, em alguns adjetivos (os adjetivos biformes) e em alguns pronomes. Em português, há dois valores de género: masculino e feminino. Nos nomes que referem uma entidade animada (uma pessoa ou um animal), o valor de género corresponde, tipicamente, a uma distinção de sexo, excepto no caso dos nomes epícenos (como "sapo" ou "corvo"), sobrecomuns (como "vítima" ou "cônjuge") e comuns de dois (como "estudante" ou "jornalista") e ainda em casos irregulares (como no par "cavalo"/"égua"). Nos restantes nomes, esta correspondência não se verifica].

³⁰ Cf. a nota anterior.

³¹ **Índice temático** e **vogal temática** constituem-se como subtipos de **constituintes temáticos** (cf. domínio da *Morfologia* da TLEBS). [Na

Palavra	MESAS		
Tema	MESA-		
Flexão			-S
Radical	MES-		
Índice temático		-A-	

Dito isto, compreender-se-á em que medida a noção de **palavra flexionável** não equivale, por inteiro, à de **palavra variável**. Se toda e qualquer palavra flexionável é igualmente variável, a verdade é que podemos conceber a noção de **palavra variável** para além da flexão.

No que concerne ao **grau dos adjectivos**³², reparar-se-á que apenas na construção do grau superlativo absoluto sintético se recorre a um mecanismo verdadeiramente morfológico (daí, aliás, o epíteto “sintético”): *belo/belíssimo*. Trata-se, contudo, de **derivação** e não de flexão³³. Em todos os demais casos de expressão do grau dos adjectivos, quer do comparativo, quer do superlativo, recorreremos, em português, a **mecanismos sintácticos** seguindo os seguintes esquemas:

TLEBS-R, estes termos continuam incluídos no domínio da *Morfologia*, e mais especificamente, no subdomínio B.2.2.1. *Flexão nominal e adjectival: Categorias relevantes para a flexão de nomes, determinantes, pronomes e adjectivos*].

³² [Na TLEBS-R, o termo **grau** tem a seguinte definição: “Variação apresentada por alguns nomes, adjectivos e advérbios, que permite estabelecer uma gradação no significado de uma palavra ou a comparação entre termos. Os nomes apresentam variação nos graus: normal, aumentativo e diminutivo. Os adjectivos e os advérbios apresentam variação nos graus: normal, comparativo (de igualdade, inferioridade e superioridade) e superlativo (relativo, absoluto sintético e absoluto analítico). Ocasionalmente, alguns adjectivos e advérbios admitem formas aumentativas e diminutivas (como em “cansadão” ou “cedinho” e “depressinha”, embora esta variação não seja muito produtiva nestas classes de palavras. A variação em grau pode ser expressa morfológica ou sintacticamente. São expressos morfológicamente os graus superlativo absoluto sintético dos advérbios e dos adjectivos e os graus aumentativo e diminutivo dos nomes”].

³³ O mesmo será possível dizer dos processos através dos quais se constroem os **graus dos nomes, aumentativos e diminutivos**: *mulher/mulheraço/mulherzinha*; *carro, carrão, carrito*. Para uma discussão sobre a distinção entre processos flexionais e processos derivacionais, cf. Rio-Torto, 2001-2002.

a) **Comparativos**: “tão [ADJ] como”; “mais [ADJ] (do) que”; “menos [ADJ] (do) que”

b) **Superlativos**:

- **Absoluto analítico**: “advérbio de quantidade e grau (*muito, extremamente, grandemente, etc.*) + [ADJ]”
- **Relativos**: “o/a mais [ADJ]”, “o/a menos [ADJ]”

É por esta razão que a informação relevante no que concerne ao **grau dos adjectivos** se encontra[va], na TLEBS, não no domínio da *Morfologia*, mas no da *Sintaxe* (cf., em concreto, as entradas **grupo adjectival - formas sintácticas de expressão do grau superlativo e frase subordinada comparativa**³⁴). [Já na TLEBS-R, a informação relevante relativa aos graus dos adjectivos encontra-se, quer no domínio da *Sintaxe*, quer no da *Morfologia*, tendo, contudo, sido asseguradas as hiperligações necessárias nas definições dos termos que a esta questão

³⁴ Vejamos, através da definição apresentada na TLEBS (2002) para a entrada **frase subordinada comparativa**, a justificação para esta opção: “Subordinada **adverbial** que exprime o grau e que, por essa razão, é considerada uma construção de gradação (tal como acontece com as subordinadas consecutivas). As subordinadas comparativas são frequentemente construções elípticas, isto é, construções em que algo está elidido, nomeadamente, a forma verbal ou o grupo verbal na frase subordinada: por isso mesmo, numa frase complexa como a seguinte, é possível identificar o segmento entre parêntesis rectos como uma frase subordinada e não como grupo preposicional: (i) O meu bolo é mais doce [do que o teu] (=do que o teu é doce); (ii) Esta casa é mais bonita [do que a outra] (=do que a outra é bonita); (iii) Ela dança tão bem [como canta]; (iv) Ela está a envelhecer mais [do que a própria mãe] (=do que a própria mãe está a envelhecer); (v) A Rute comprou mais discos [do que livros] (=do que comprou livros); (vi) Corria desesperadamente [como se fugisse]. As subordinadas comparativas diferem claramente dos outros tipos de subordinadas adverbiais, já que: (a) muitas vezes, parecem relacionar-se especificamente um elemento da subordinante e não com toda a subordinante; (b) não têm geralmente muita mobilidade na frase: (vii) Comprei mais livros [do que tu]” (viii) *[Do que tu], comprei mais livros”. [Na TLEBS-R já se observa, para a definição do termo **oração subordinada adverbial comparativa**, a seguinte definição simplificada: “Subordinada adverbial que exprime o grau e que, por essa razão, é considerada uma construção de gradação (tal como acontece com as subordinadas consecutivas). As subordinadas comparativas são frequentemente construções elípticas, isto é, construções em que algo está elidido, nomeadamente, a forma verbal ou o grupo verbal na oração subordinada”].

dizem respeito, opção feliz (e extensível a todos os termos, de resto) que agiliza a consulta do utilizador da nova base de dados disponível na *internet*].

2.2. As noções de **oração**³⁵, **predicado** e **complemento circunstancial**

No domínio da *Sintaxe*³⁶, as novidades mais relevantes [da TLEBS-R] prendem-se com a noção de **predicado**, bem como com a abolição do conceito de **complemento circunstancial**.

A compreensão da noção de **predicado**, uma **função sintáctica**³⁷, exige que se considere, antes, as de **grupo verbal (GV)**, **complemento** e **modificador**.

³⁵ [A abolição do termo **oração**, na primeira versão da TLEBS, e a sua concomitante substituição pelo termo mais abrangente **frase**, foi uma das opções que mais dúvidas levantou aos professores de Português. O termo **oração**, definido, tradicionalmente, como um **constituente da frase** que apresentasse os “termos essenciais” sujeito e predicado, bem como, e eventualmente, “termos acessórios” (Cunha e Cintra, 1989: cap. 7), foi, agora na TLEBS-R, recuperado, apresentando, na base de dados, a seguinte definição: “Designação tradicional para os constituintes frásicos coordenados e subordinados contidos em frases complexas”. Deste modo, e agora a propósito do termo **frase complexa**, pode ler-se na TLEBS-R: “Frase em que existe mais do que um verbo principal ou copulativo. As frases complexas são frases que contêm mais do que uma **oração**”].

³⁶ Uma útil referência, não só para noções básicas da *Sintaxe*, mas também para propostas de didactização neste domínio é o trabalho de Duarte, 2000: cap. 4.

³⁷ [Na TLEBS-R as **funções sintácticas** foram organizadas levando em consideração os níveis hierárquicos dos constituintes sintácticos a que podem dizer respeito. Assim, as funções sintácticas ao nível da **frase** são as de **sujeito**, **predicado**, **modificador** e **vocativo**. No âmbito das **funções sintácticas internas ao grupo verbal** encontramos, então, distintos tipos: (i) os **complementos** (do verbo): **directo**, **indirecto**, **obliquo** (este último em substituição dos **complementos preposicional** e **adverbial** previstos na TLEBS original, e que não mereceram a aceitação dos professores de Português) e o **agente da passiva**; (ii) os **modificadores** (do verbo); (iii) o **predicativo** (do sujeito e do **complemento directo**). Há ainda a considerar as **funções sintácticas internas ao grupo nominal** — **complementos do nome** e **modificadores** (do nome) (**restritivos** ou **apositivos**) —, bem como as **funções sintácticas internas ao grupo adjectival** — **complemento do adjectivo** —].

O GV é um **constituente da frase**³⁸, cujo núcleo é um **verbo principal**, e que é, para além dele, composto por todos os constituintes que exerçam a função de **complementos** ou de **modificadores** desse mesmo núcleo verbal³⁹. Tratando-se de um verbo como *morrer* ou *nascer*, em frases como *O cão morreu* ou *O cachorrinho nasceu*, os respectivos GVs são constituídos apenas pelo núcleo verbal, já que nenhum destes verbos selecciona qualquer complemento obrigatório, nem a eles se encontram associados, nas frases em questão, quaisquer **modificadores**. Já um verbo como *dar*, numa frase como *A Sofia deu um beijo ao Pedro*, identificamos, dentro do GV, para além do núcleo, igualmente um **grupo nominal (GN)** (*um beijo*), que exerce a função sintáctica de **complemento directo (CD)**, e um **grupo preposicional (GP)** (preposição *a* + GN *o Pedro*), que exerce a função sintáctica de **complemento indirecto (CI)**. Podemos comprovar o estatuto destes complementos recorrendo, por exemplo, ao teste da substituição pronominal: *A Sofia deu-o* (CD) *ao Pedro*; *A Sofia deu-lhe* (CI) *um beijo*; *A Sofia deu-lho* (CD+CI).

Vejam, agora, a noção de **modificador**, há pouco evocado. Importa esclarecer, em primeiro lugar, que **modificador** é uma função sintáctica **opcional**, não seleccionada, obrigatoriamente, pelo núcleo de um dado **constituente da frase** a que se encontre associado⁴⁰. Para compreender a diferença entre a noção de **complemento** e a de **modificador**, atenda-se às seguintes frases: (i) *O rapazito comeu um gelado no Porto*; (ii) *O rapazito reside no Porto*. Em ambas as frases

³⁸ [Os **constituintes da frase** contemplados na TLEBS-R são os seguintes: **grupo nominal**, **grupo adjectival**, **grupo adverbial**, **grupo preposicional** e **grupo verbal**. O cotejo do conteúdo desta nota com o da anterior torna claro que não deverá confundir-se a noção de **constituente da frase** com a de **função sintáctica**, como é ainda, e infelizmente, bastante recorrente. Os **constituintes da frase** são os **materiais** utilizados na construção da frase; a **função sintáctica** diz respeito ao **papel** que um dado constituinte se encontra a desempenhar numa dada estrutura sintáctica. Assim, *o cão* é um **grupo nominal (constituente)** que ocorre nas seguintes frases com diferentes **funções sintácticas**: (i) *O cão* (sujeito) *mordeu o sapato*; *O João adora o cão* (complemento directo)].

³⁹ [Na TLEBS-R, o termo **grupo verbal** apresenta a seguinte definição: “Grupo de palavras cujo constituinte principal é um verbo e que funciona como uma unidade sintáctica. O grupo verbal pode ser constituído exclusivamente pelo verbo ou complexo verbal, ou por um verbo e pelos seus complementos e/ou modificadores”].

⁴⁰ [Cf. a definição, na TLEBS-R, do termo **modificador**, apresentado na nota 20].

encontramos o grupo preposicional (GP) *no Porto*, que exerce, contudo, em cada uma delas, **funções sintácticas** diferentes. Na frase (i), *no Porto* é um **modificador**, pois a sua presença não é “requerida”, nem pelo núcleo verbal *comer*, nem por qualquer outro constituinte da frase; o GP em causa poderia facilmente suprimir-se sem que, dessa supressão, resultasse qualquer agramaticalidade: *O rapazito comeu um gelado*. Já no caso de (ii), o mesmo GP *no Porto* exerce a função sintáctica de **complemento** do verbo, já que a sua presença, na frase em questão, está longe de ser opcional. A frase não resiste, pois, ao teste da supressão do referido GP: **O rapazito reside*⁴¹.

A distinção que se acaba de estabelecer é fulcral para a compreensão da noção de **predicado** contida na TLEBS[-R], bem como para elucidar a opção pela eliminação da noção de **complemento circunstancial**. Assim, e antes de mais, entende-se por **predicado** a “função sintáctica desempenhada pelo **grupo verbal**” [definição simplificada da TLEBS-R].

No que concerne à abolição do conceito de **complemento circunstancial**, resulta, da exposição anterior, que os tradicionais complementos circunstanciais são perspectivados, agora, ora como **modificadores**⁴², ora como **complementos**. Vejamos.

Retomemos as frases (i) *O rapazito comeu um gelado no Porto*; (ii) *O rapazito reside no Porto*. À luz da NGP (1967), e em qualquer uma destas frases, o GP *no Porto* seria classificado como um **complemento circunstancial de lugar**. Já pudemos observar, contudo, em que medida este mesmo GP ostenta propriedades e comportamentos distintos em cada uma das frases em consideração, motivando, portanto, o tratamento diferenciado que lhe é dado na TLEBS[-R]. Se pensarmos, para além do mais, em casos como *A Sofia faltou aos compromissos*, verificar-se à que existe um GP, *aos compromissos* que dificilmente se poderia classificar, atendendo à análise tradicional, como complemento circunstancial. Seria, de resto, um complemento circunstancial de que tipo?

Já na TLEBS[-R], estes casos têm uma solução mais clara: o GP⁴³, *aos compromissos* assume, na frase em análise, a função

⁴¹ Para outros testes que ajudam à diferenciação entre **modificadores** e **complementos**, cf. Duarte in Mateus et al., 2003: 294-295.

⁴² Aliás, [e como já se esclarecia na TLEBS (2002)], “na tradição gramatical, os modificadores também se denominam adjuntos ou circunstâncias”.

⁴³ É claro que na frase atrás vista, *A Sofia deu um beijo ao Pedro*, também encontramos um **grupo preposicional**: *ao Pedro*. Neste caso, porém, e como oportunamente observámos, o GP em causa pode ser substituído pelo pronome

sintáctica de **complemento oblíquo**⁴⁴, já que se trata, por um lado, de um **complemento**, seleccionado pelo verbo *faltar*, que é exercido, no entanto, por um constituinte (GP) que não desempenha, nem a função de complemento directo⁴⁵, nem a de complemento indirecto.

Dito isto, [e tal como ficou explícito na nota 37 do presente artigo] ficam previstos, na TLEBS[-R], vários **tipos de complementos**. Para além dos tradicionais complementos **directo**, **indirecto** e **agente da passiva**, encontramos, igualmente, [**complementos oblíquos**]. Assim, e se, como vimos, na frase *O rapazito reside no Porto*, esta última função é exercida por um **grupo preposicional** (*no Porto*), já na frase *O rapazito reside ali* o é por um **grupo adverbial** (*ali*). Do mesmo

com forma de complemento indirecto: *lhe*. [Quando um GP exerce a função sintáctica de **complemento oblíquo**, “não é substituível pelo pronome pessoal na sua forma dativa (“lhe”/“lhes”)” (TLEBS-R)].

⁴⁴ [Na versão original da TLEBS (2002), este caso específico classificar-se-ia como um exemplo de **complemento preposicional**].

⁴⁵ [A hipótese de o GP *aos compromissos*, na frase em apreço, se poder perspectivar como exercendo a função de complemento directo (preposicionado) será igualmente, e tanto quanto creio, difícil de sustentar. Em primeiro lugar, *aos compromissos*, constituindo-se como GP, não resiste ao teste da substituição pronominal dos grupos nominais usado para identificar a função de complemento directo: **A Sofia faltou-os*. Depois, e consultados os casos de objectos directos preposicionados recensados, e como tal considerados, por Cunha e Cintra (1989: 143), verifica-se que, em todos os exemplos (à excepção de um), os GP ocorrentes nos exemplos fornecidos pelos autores estão associados a **verbos transitivos directos** (*amar, matar, enganar, odiar, querer, esquecer*). Apenas uma das frases exemplificativas deste fenómeno ostenta um **verbo transitivo directo e indirecto** (*roubar*) que selecciona, no caso, para além de um complemento directo, um complemento indirecto: *Um carteirista roubou o cartão Multibanco* (CD) *ao António* (CI), i.e., *Um carteirista roubou-o* (CD) *ao António* / *Um carteirista roubou-lhe* (CI) *o cartão Multibanco* / *Um carteirista roubou-lho* (CD+CI). Como deixam implícito os autores, apenas por razões estilísticas tais complementos surgem preposicionados nas respectivas frases. A fim de demonstrar isto mesmo, e a título meramente ilustrativo, atente-se numa das frases (de natureza proverbial) apresentadas por Cunha e Cintra (1989: 143): “**A médico, confessor e letrado nunca enganes**”. Ora, basta restituir a ordem sintáctica canónica em português (que é, como se sabe, SVO) e proceder às alterações formais necessárias para preservar a referência nominal genérica característica do texto proverbial (cf., sobre esta questão, Lopes, 1992) para verificarmos que, com tais transformações, (i) a preposição tem de ser suprimida (*Nunca enganes médicos, confessores e letrados* (CD)) e (ii) o teste da substituição pronominal volta a operar eficazmente (*Nunca os* (CD) *enganes*)].

modo, se na frase *O rapazito comeu um gelado no Porto* existe um **modificador** (função sintáctica exercida pelo **grupo preposicional no Porto**), também na frase *O rapazito comeu um gelado ali* existe um **modificador adverbial**, função sintáctica aqui exercida pelo **grupo adverbial ali**).

Compreende-se, pois, que deixa de fazer sentido a noção de **complemento circunstancial**: é uma noção problemática por várias razões, entre as quais a de que recobre situações muitíssimo díspares, como se procurou evidenciar, tornando-se, por isso, pouco coerente e pouco transparente.

3. Conclusões

No presente texto procurou-se, após uma sucinta apresentação, [quer] da TLEBS (a sua motivação histórica, estrutura interna e princípios orientadores), [quer das alterações nela introduzidas após o processo de revisão que deu origem à TLEBS-R], chamar a atenção dos docentes que com ela trabalharão para as alterações mais estruturantes que apresenta relativamente às opções da Nomenclatura Gramática Portuguesa (1967) e à prática e descrição gramático-pedagógicas instituídas. Particularmente importante, neste trabalho, afigura-se-nos ser o confronto, exaustivamente apresentado no anexo a este trabalho, entre os conteúdos curriculares do módulo *Funcionamento da língua* dos programas de Língua Portuguesa que entraram em vigor antes do aparecimento da TLEBS (os do ensino básico) e as opções terminológicas que, em função deste último instrumento orientador, conheceram alterações. Estas foram agrupadas em dois conjuntos distintos: (i) alterações meramente terminológicas e (ii) alterações terminológico-conceptuais. No caso destas últimas, mereceram especial atenção as seguintes questões: o tratamento do **grau** e **género dos nomes** enquanto mecanismos flexionais, o **grau dos adjetivos** enquanto mecanismo flexional, a equivalência entre **palavras variáveis** e **palavras flexionáveis**, a noção de **predicado** e o conceito de **complemento circunstancial**.

BIBLIOGRAFIA CITADA

A.A.V.V. (2002) – *Terminologia linguística para os ensinos básico e secundário*. Lisboa: Ministério da Educação. Ed. em CD-ROM.

A.A.V.V. (2008) – *TLEBS. Dicionário terminológico para consulta em linha*. Lisboa: Ministério da Educação. Disponível em <http://tlebs.dgicd.min-edu.pt/> (último acesso a 24/7/2008).

COSTA, J. e COSTA, A. (2001) – *O que é um advérbio?* Lisboa: Colibri/APP.

CUNHA, C. e CINTRA, L. (1989) – *Nova gramática do português contemporâneo*. 6ª ed., Lisboa: Sá da Costa.

DUARTE, I. (2000) – *Língua portuguesa. Instrumentos de análise*. Lisboa: Universidade Aberta.

FIGUEIREDO, A. e OLIVEIRA, V. (2008) – *Orientações didácticas para o trabalho de Funcionamento da Língua em sala de aula. Parte I – Conteúdos de Funcionamento da Língua por ciclo e por nível de ensino*. Lisboa: Ministério da Educação. Disponível em http://sitio.dgicd.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/orientacoes_didacticas.pdf (último acesso a 24/7/2008).

LOPES, A.C.M. (1992) – *Texto proverbial português. Elementos para uma análise semântica e pragmática*. Tese de doutoramento em Linguística Portuguesa, Universidade de Coimbra. Disponível, através da página do CELGA, em http://www1.ci.uc.pt/celga/membros/docs/textos_pdf/texto_proverbial_portugues.contributos_para_uma_analise_semantica_e_pragmatica.pdf (último acesso a 24/7/2008).

MARTINS, C. (2008) – *Línguas em contacto; "saber sobre" o que as distingue. Análise de competências metalinguísticas de crianças mirandesas em idade escolar*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra (no prelo).

MATEUS, M.H.M. et al. (2003) – *Gramática da língua portuguesa*. 5ª ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho.

RIO-TORTO, G. (2001-2002) – Flexão e derivação: simetrias e assimetrias. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. 24, pp. 253-289.

Anexo⁴⁶

A n o	Domínios da TLEBS ⁴⁷	Conteúdos programáticos: módulo <i>Funcionamento da Língua</i> nos programas de Língua Portuguesa do Ensino Básico (1º, 2º e 3º ciclos)
3º	A. LCLVM	—
	B1. FF	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar diferentes sons da língua (vogais e consoantes). • Combinar, ludicamente, diferentes sons da língua. • Comparar onomatopeias com os sons que imitam ou sugerem. • Decompor palavras em sílabas (para efeitos de translineação) [cf. D]. • Distinguir sílaba tónica e sílaba átona.
	B2. Morf	<ul style="list-style-type: none"> • Organizar famílias de palavras (segundo critérios diversificados) [cf. B5].
	B3. CP	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar nomes. • Distinguir nomes comuns, próprios e colectivos. • Identificar adjectivos. • Identificar verbos. • Aplicar os pronomes pessoais ligados às pessoas do discurso.

⁴⁶ [No presente anexo, os quadros respeitantes aos conteúdos curriculares do módulo *Funcionamento da língua* de cada ano de escolaridade do ensino básico (3º ao 9º) continuam organizados em função da estrutura de domínios/áreas contemplada na versão original da TLEBS, 2002. Considerou-se, após análise da TLEBS-R, que o conteúdo da maior parte dos "novos" domínios, e sobretudo os que concernem à *Linguística descritiva* (B1 a B6), não punha em causa, no essencial, o trabalho que já havia sido empreendido na construção desta sistematização. Como, no entanto, já se explicou logo no início deste trabalho, no corpo do texto, contemplou-se uma excepção a este procedimento. Assim, e recordando o corolário do raciocínio que conduziu a esta decisão, optou-se pela supressão das alíneas respeitantes ao cotejo entre os conteúdos curriculares dos programas e o domínio B7. *Pragmática e Linguística textual* da TLEBS original].

⁴⁷ Legenda: A. LCLVM = Língua, comunidade linguística, variação e mudança; B1. FF = Fonética e Fonologia; B2. Morf = Morfologia; B3. CP = Classes de palavras; B4. Sx = Sintaxe; B5. SL = Semântica lexical; B6. SF = Semântica frásica; C. Lex = Lexicografia; D. RGL = Representação gráfica da língua. [Como se esclareceu na nota 2, os termos a **negrito** correspondem aos casos em que, já nos programas ministeriais de Língua Portuguesa do 3º ao 9º ano de escolaridade (ainda em vigor) não são respeitadas as determinações da NGP de 1967, diploma legal aplicável (ainda que, e como se observa, *ipso facto* não aplicado pelo ME) aquando dá sua aprovação. Sublinhadas estão as expressões que foram, com a TLEBS-R, ora substituídas, ora objecto de uma redefinição conceptual].

B4. Sx	<ul style="list-style-type: none"> • Distinguir, em frases simples, os elementos fundamentais (por extensão e por redução). • Verificar a mobilidade de alguns elementos da frase. • Distinguir as formas afirmativa e negativa de frases (por transformação). 	
B5. SL	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer relações de significado entre palavras (sinonímia, antonímia). • Organizar famílias de palavras (segundo critérios diversificados) [cf. B2]. • Substituir adjectivos por outros de sentido equivalente num determinado contexto. 	
B6. SF	—	
C. Lex	—	
D. RGL	<ul style="list-style-type: none"> • Exercitar o uso de sinais de pontuação e auxiliares da escrita: ponto final, ponto de interrogação, vírgula, apenas na enumeração. • Estabelecer relações entre sons e letras (fonemas e grafemas correspondentes). • Decompor palavras em sílabas (para efeitos de translineação) [cf. B1]. • Exercitar o uso de sinais gráficos de acentuação (acentos agudo, grave, circunflexo, til). 	
4º	A. LCLVM	—
	B1. FF	<ul style="list-style-type: none"> • Distinguir sons vocálicos e consonânticos. • Combinar, ludicamente, diferentes sons da língua. • Comparar onomatopeias com os sons que imitam ou sugerem. • Inventar onomatopeias. • Decompor palavras em sílabas. • Distinguir sílaba tónica e sílaba átona. • Estabelecer a diferença entre acento gráfico e acento fónico [cf. D].
	B2. Morf	<ul style="list-style-type: none"> • Organizar famílias de palavras (segundo critérios diversificados) [cf. B5]. • Identificar o género, o número e o grau dos nomes pelas marcas e pelo contexto. • Verificar a regra geral e as excepções mais frequentes do género e do número. • Aplicar os diferentes graus do adjectivo, estabelecendo comparações, diversificando a superlativização [cf. B4]. • Aplicar as formas do Presente, Presente-Futuro, Futuro e Pretérito Perfeito do Indicativo de verbos regulares e dos verbos irregulares (ser, estar, ter).
	B3. CP	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar nomes. • Distinguir nomes comuns, próprios e colectivos. • Identificar adjectivos. • Identificar numerais cardinais e ordinais. • Identificar verbos. • Substituir elementos da frase por determinantes possessivos e demonstrativos [cf. B4].

	<ul style="list-style-type: none"> •Aplicar os pronomes pessoais ligados às pessoas do discurso. 	
B4.Sx	<ul style="list-style-type: none"> •Distinguir, em frases simples, os elementos fundamentais (por extensão e por redução). •Verificar a mobilidade de alguns elementos da frase. •Transformar frases (afirmativa-negativa e interrogativa directa). •Aplicar os diferentes graus do adjectivo, estabelecendo comparações, diversificando a superlativização [cf. B2]. •Substituir elementos da frase por determinantes possessivos e demonstrativos [cf. B3]. •Explorar diferenças semânticas e estéticas resultantes da mobilidade de elementos da frase. 	
B5. SL	<ul style="list-style-type: none"> •Estabelecer relações de significado entre palavras (sinonímia, antonímia). •Organizar famílias de palavras (segundo critérios diversificados) [cf. B2]. •Substituir adjectivos por outros de sentido equivalente num determinado contexto. •Seleccionar e comparar adjectivos que, num determinado contexto, qualifiquem um animal, uma pessoa, uma situação. 	
B6. SF	—	
C. Lex	—	
D. RGL	<ul style="list-style-type: none"> •Exercitar o uso de sinais de pontuação e auxiliares da escrita: ponto final, ponto de interrogação, vírgula, apenas na enumeração (...). •Exercitar o uso de sinais gráficos de acentuação (acentos agudo, grave, circunflexo, til). •Nomear, por ordem, as letras do alfabeto. •Estabelecer a diferença entre acento gráfico e acento fónico [cf. B1]. 	
5º	A. LCLVM	—
	B1. FF	<ul style="list-style-type: none"> •Exercitar a decomposição de palavras em sílabas, para efeitos de translineação, atendendo, nomeadamente, a dígrafos e ditongos (translineação) [cf. D]. •Classificar palavras de acordo com a respectiva composição silábica (monossílabo, dissílabo, polissílabo). •Classificar palavras quanto à posição da sílaba tónica (palavra aguda, palavra grave e palavra esdrúxula).
	B2. Morf	<ul style="list-style-type: none"> •Verificar a flexão dos nomes (número, género e grau — regras gerais). •Verificar a flexão dos adjectivos (número, género e grau — regras gerais) [cf. B4]. •Verificar a flexão dos determinantes (número, género, pessoa). •Classificar verbos segundo a conjugação a que pertencem (1ª, 2ª e 3ª conjugações). •Sistematizar conhecimentos relativos à conjugação dos verbos regulares (tempos simples de todos os modos; formas nominais). •Distinguir formas verbais (tempos, modos e formas nominais estudadas) [cf. B3]. •Estabelecer relações de forma e/ou sentido entre palavras

		(famílias de palavras, sinónimos/antónimos) [cf. B5].
B3. CP		<ul style="list-style-type: none"> •Distinguir e identificar diferentes classes de palavras (nomes, adjectivos, determinantes, verbos, interjeições). •Distinguir subclasses dos nomes (próprios/comuns; colectivos). •Distinguir subclasses dos determinantes (artigos definido e indefinido, demonstrativos, possessivos). •Verificar, em contexto, a variabilidade ou invariabilidade das palavras (palavras variáveis ou flexionadas e palavras invariáveis ou não flexionadas). •Distinguir formas verbais (tempos, modos e formas nominais estudadas) [cf. B2].
B4. Sx		<ul style="list-style-type: none"> •Verificar experimentalmente a estrutura da frase simples. •Distinguir os diferentes tipos de frase (declarativo, interrogativo, imperativo e exclamativo). •Distinguir e identificar as palavras ou expressões que, numa oração, desempenham funções essenciais (sujeito, predicado e complemento directo). •Aperfeiçoar, em textos produzidos na turma, aspectos relativos à concordância. •Explorar diferenças de valor estético e semântico resultantes da mobilidade de elementos da frase. •Verificar a flexão dos adjectivos (número, género e grau — regras gerais) [cf. B2].
B5. SL		<ul style="list-style-type: none"> •Estabelecer relações de forma e/ou sentido entre palavras (famílias de palavras, sinónimos/antónimos) [cf. B2]. •Reconhecer processos de enriquecimento do léxico (onomatopeias).
B6. SF		—
C. Lex		•Reconhecer critérios de organização de informação e verificar a sua funcionalidade (ordem alfabética).
D. RGL		<ul style="list-style-type: none"> •Verificar experimentalmente o papel da pontuação como organizador textual. •Exercitar a decomposição de palavras em sílabas, para efeitos de translineação, atendendo, nomeadamente, a dígrafos e ditongos (translineação) [cf. B1]. •Exercitar o uso de sinais gráficos (acentos: agudo, grave e circunflexo; til; cedilha; hífen) no decurso de aperfeiçoamento de texto. •Pontuação (ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, vírgula, ponto e vírgula, reticências, dois pontos, travessão, parêntesis e aspas).
6º	A. LCLVM	—
	B1. FF	<ul style="list-style-type: none"> •Exercitar a decomposição de palavras em sílabas, para efeitos de translineação, atendendo, nomeadamente, a dígrafos e ditongos (translineação) [cf. D]. •Estabelecer relações de forma e/ou sentido entre palavras (famílias de palavras, palavras homófonas e homógrafas) [cf. B2 e D].
	B2. Morf	•Verificar casos especiais da flexão dos nomes em situações de

	<p>uso ocorrentes em actividades de produção oral e escrita (número, <u>género</u> e <u>grau</u> —particularidades).</p> <ul style="list-style-type: none"> •Verificar a flexão dos determinantes (número, género, pessoa) [cf. B3]. <p>especiais da <u>flexão</u> dos adjectivos uso ocorrentes em actividades e escrita (número, <u>género</u> e <u>grau</u> —particularidades) [cf. B4].</p> <ul style="list-style-type: none"> •Verificar a flexão dos pronomes (número e género) [cf. B3]. •Sistematizar conhecimentos relativos à conjugação dos verbos regulares (tempos compostos do modo indicativo com o auxiliar «ter»). •Sistematizar conhecimentos relativos à conjugação dos verbos irregulares de uso frequente (tempos simples de todos os modos; formas nominais, tempos compostos do modo indicativo). •Distinguir formas verbais (tempos, modos e formas nominais estudadas) [cf. B3]. •Combinar em contextos diversos o pronome pessoal complemento com as formas verbais nos tempos e modos estudados (conjugação pronominal) [cf. B4]. •Exercitar processos de enriquecimento do léxico (derivação: sufixação e prefixação; composição: aglutinação e justaposição). •Estabelecer relações de forma e/ou sentido entre palavras (famílias de palavras, palavras homófonas e homógrafas) [cf. B1 e D]. •Valor semântico de prefixos e sufixos mais frequentes.
B3. CP	<ul style="list-style-type: none"> •Distinguir e identificar diferentes classes de palavras (nomes, adjectivos, pronomes, numerais, verbos, advérbios, preposições e conjunções). •Distinguir subclasses dos determinantes (indefinidos e numerais). •Distinguir subclasses dos numerais (cardinais e ordinais). •Distinguir subclasses dos pronomes (pessoais, demonstrativos, possessivos, indefinidos, relativos e interrogativos). •Distinguir subclasses de advérbios (advérbios de <u>lugar</u>, <u>modo</u>, <u>tempo</u>; afirmação e negação; <u>quantidade</u>). •Distinguir subclasses dos nomes (próprios/comuns; colectivos). •Identificar preposições. •Verificar, em contexto, a variabilidade ou invariabilidade das palavras (<u>palavras variáveis ou flexionadas</u> e palavras invariáveis ou não flexionadas). •Verificar a flexão dos determinantes (número, género, pessoa) [cf. B2]. •Verificar a flexão dos pronomes (número e género) [cf. B2]. •Distinguir formas verbais (tempos, modos e formas nominais estudadas) [cf. B2].
B4. Sx	<ul style="list-style-type: none"> •Verificar experimentalmente a estrutura da frase simples. •Distinguir os diferentes tipos de frase (declarativo, interrogativo, imperativo e exclamativo). •Distinguir e identificar as palavras ou expressões que, numa oração, desempenham funções essenciais (sujeito, <u>predicado</u> e complemento directo, complemento indirecto e <u>complementos</u>

	<p><u>circunstanciais de lugar e de tempo</u>).</p> <ul style="list-style-type: none"> •Aperfeiçoar, em textos produzidos na turma, aspectos relativos à concordância. •Combinar em contextos diversos o pronome pessoal complemento com as formas verbais nos tempos e modos estudados (conjugação pronominal) [cf. B2]. •Verificar casos especiais da <u>flexão</u> dos adjectivos uso ocorrentes em actividades de produção oral e escrita (número, <u>género</u> e <u>grau</u> —particularidades) [cf. B2]. •Explorar diferenças de valor estético e semântico resultantes da mobilidade de elementos da frase.
B5. SL	—
B6. SF	—
C. Lex	•Reconhecer critérios de organização de informação e verificar a sua funcionalidade (ordem alfabética).
D. RGL	<ul style="list-style-type: none"> •Verificar experimentalmente o papel da pontuação como organizador textual. •Exercitar a decomposição de palavras em sílabas, para efeitos de translineação, atendendo, nomeadamente, a dígrafos e ditongos (translineação) [cf. B1]. •Exercitar o uso de sinais gráficos (acentos: agudo, grave e circunflexo; til; cedilha; hífen) no decurso de aperfeiçoamento de texto. •Estabelecer relações de forma e/ou sentido entre palavras (famílias de palavras, palavras homófonas e homógrafas) [cf. B1 e B2]. •Pontuação (ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, vírgula, ponto e vírgula, reticências, dois pontos, travessão, parêntesis e aspas).
7º	A. LCLVM
	•Reconhecer, em contextos, algumas particularidades da linguagem de determinadas regiões (variedade portuguesa/variedade brasileira).
	B1. FF
	—
	B2. Morf
	<ul style="list-style-type: none"> •Verificar casos especiais da flexão dos nomes. •Verificar casos especiais da <u>flexão</u> dos adjectivos (número, <u>género</u> e <u>grau</u>: formas sintéticas do comparativo de superioridade e do superlativo absoluto) [cf. B4]. •Sistematizar conhecimentos relativos à conjugação dos verbos regulares e irregulares (tempos compostos do modo conjuntivo, condicional e infinitivo e das formas nominais, formados com o auxiliar <i>ter</i>). •Distinguir formas verbais (tempos, modos e formas nominais estudadas) [cf. B3]. •(conjugação pronominal reflexa) [cf. B3 e B4]. •Exercitar processos de enriquecimento do léxico (derivação, composição).
	B3. CP
	•Distinguir e identificar diferentes classes de palavras (nomes , adjectivos, verbos, advérbios e locuções adverbiais; locuções prepositivas, conjunções e locuções conjuncionais).

	<ul style="list-style-type: none"> •Distinguir subclasses dos nomes (concretos/abstractos). •Distinguir <u>subclasses dos advérbios</u> e locuções adverbiais (advérbios e locuções adverbiais de dúvida, de exclusão e interrogativos). •(advérbios, conjunções e locuções adverbiais e conjuncionais). •Reconhecer locuções prepositivas. •Reconhecer subclasses das conjunções e locuções coordenativas (conjunções e locuções copulativas, adversativas, disjuntivas e conclusivas) e das conjunções e locuções subordinativas (conjunções e locuções temporais e causais). •Verificar, em contexto, a variabilidade ou invariabilidade das palavras (palavras <u>variáveis ou flexionadas</u> e palavras invariáveis ou não flexionadas). •Distinguir formas verbais (tempos, modos e formas nominais estudadas) [cf. B2]. •(conjugação pronominal reflexa) [cf. B2 e B4].
B4. Sx	<ul style="list-style-type: none"> •Verificar experimentalmente a estrutura da frase simples. •Distinguir os diferentes tipos de frase (declarativo, interrogativo, imperativo e exclamativo). •Distinguir e identificar as palavras ou expressões que, numa oração, desempenham funções essenciais e acessórias (predicativo do sujeito, <u>complementos circunstanciais de modo, de causa, de companhia e de fim</u>; vocativo). •Aperfeiçoar, em textos produzidos na turma, aspectos relativos à concordância (do verbo com o sujeito composto; em número). •Distinguir as formas de ligação de orações (coordenação e subordinação). •Verificar a natureza das relações entre diferentes espécies de orações coordenadas (orações coordenadas copulativas, adversativas, disjuntivas e conclusivas). •Verificar a natureza das relações entre diferentes espécies de orações subordinadas (orações subordinadas temporais e causais). •Combinar, em contextos diversos, o pronome pessoal complemento com as formas verbais (conjugação pronominal reflexa) [cf. B2 e B3]. •Distinguir a função das conjunções e locuções conjuncionais (conjunções e locuções coordenativas e subordinativas). •Verificar casos especiais da <u>flexão</u> dos adjectivos (número, <u>género e grau</u>: formas sintéticas do comparativo de superioridade e do superlativo absoluto) [cf. B2]. •Explorar diferenças de valor estético e semântico resultantes da mobilidade de elementos da frase.
B5. SL	<ul style="list-style-type: none"> •Aperfeiçoar a coesão textual através de palavras de sentido equivalente, de sentido mais geral ou de sentido mais restrito (sinónimos, hiperónimos e hipónimos). •Estabelecer relações de forma e/ou sentido entre palavras (palavras parónimas e homónimas). •Descobrir neologismos (abreviaturas e siglas).
B6. SF	—
C. Lex	—

D. RGL	•Verificar experimentalmente o papel da pontuação como organizador textual (ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação, ponto e vírgula, reticências, dois pontos, travessão, parêntesis, aspas).
8º A. LCLVM	•Reconhecer, pela linguagem, diferentes contextos de comunicação (norma/registos).
B1. FF	—
B2. Morf	<ul style="list-style-type: none"> •Verificar casos especiais da flexão dos nomes (plural dos nomes compostos). •Verificar casos especiais da <u>flexão</u> dos adjectivos (número, <u>género e grau</u>; plural dos adjectivos compostos) [cf. B4]. •Sistematizar conhecimentos relativos à conjugação dos verbos regulares e irregulares (tempos compostos de todos os modos e das formas nominais, formados com os auxiliares <i>ter</i> e <i>haver</i>). •Distinguir formas verbais (tempos, modos e formas nominais estudadas) [cf. B3]. •Reconhecer processos de enriquecimento do léxico (<u>derivação imprópria</u>). •Descobrir neologismos (palavras <u>entrecruzadas</u> e <u>estrangeirismos</u>).
B3. CP	<ul style="list-style-type: none"> •Distinguir e identificar diferentes classes de palavras (nomes, adjectivos, verbos, conjunções e locuções conjuncionais). •Reconhecer subclasses das conjunções e locuções subordinativas (conjunções e locuções condicionais, finais, comparativas, <u>integrantes</u> ou <u>completivas</u>). •(advérbios, conjunções e locuções adverbiais e conjuncionais). •Verificar, em contexto, a variabilidade ou invariabilidade das palavras (palavras <u>variáveis ou flexionadas</u> e palavras invariáveis ou não flexionadas). •Distinguir formas verbais (tempos, modos e formas nominais estudadas) [cf. B2].
B4. Sx	<ul style="list-style-type: none"> •Transformar frases declarativas, interrogativas e exclamativas activas em frases passivas. •Distinguir e identificar as palavras ou expressões que, numa oração, desempenham funções essenciais e acessórias (agente da passiva; <u>atributo</u>; <u>complemento determinativo</u>). •Aperfeiçoar, em textos produzidos na turma, aspectos relativos à concordância (do verbo com o sujeito composto; em pessoa). •Distinguir as formas de ligação de orações (coordenação e subordinação). •Verificar a natureza das relações entre diferentes espécies de orações subordinadas (orações subordinadas <u>completivas</u> ou <u>integrantes</u>). •Combinar, em contextos diversos, o pronome pessoal complemento com as formas verbais. •Verificar experimentalmente a estrutura da frase simples. •Distinguir os diferentes tipos de frase (declarativo, interrogativo, imperativo e exclamativo). •Explorar diferenças de valor estético e semântico resultantes da mobilidade de elementos da frase.

	<ul style="list-style-type: none"> •Verificar casos especiais da <u>flexão</u> dos adjectivos (número, <u>género</u> e <u>grau</u>; plural dos adjectivos compostos) [cf. B2].
B5. SL	<ul style="list-style-type: none"> •Aperfeiçoar a coesão textual através de palavras de sentido equivalente, de sentido mais geral ou de sentido mais restrito (sinónimos, hiperónimos e hipónimos). •Verificar significados múltiplos de uma palavra de acordo com o contexto (polissemia).
B6. SF	—
C. Lex	—
D. RGL	<ul style="list-style-type: none"> •Verificar experimentalmente o papel da pontuação como organizador textual (ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação, ponto e vírgula, reticências, dois pontos, travessão, parêntesis, aspas) [cf. B7]
9º A. LCLVM	<ul style="list-style-type: none"> •Reconhecer, em contextos, formas lexicais em desuso. •Relacionar a origem da língua com factos históricos que a determinam (quadro histórico). •Descobrir, a partir do contexto, algumas formas históricas ou recentes de mudança da língua (evolução semântica e fonética). •Processos de evolução fonética (<u>acrescentamento</u>, supressão e <u>mudança</u> de fonemas) [cf. B1].
B1. FF	<ul style="list-style-type: none"> •Processos de evolução fonética (<u>acrescentamento</u>, supressão e <u>mudança</u> de fonemas) [cf. A].
B2. Morf	<ul style="list-style-type: none"> •Verificar casos especiais da <u>flexão</u> dos <u>nomes</u> (número, <u>género</u> e <u>grau</u>). •Distinguir formas verbais (tempos, modos e formas nominais estudadas) [cf. B3]. •Exercitar processos de enriquecimento do léxico [cf. B5]. •(valor semântico de prefixos e de sufixos de origem erudita utilizados em linguagem técnica) [cf. B5].
B3. CP	<ul style="list-style-type: none"> •Distinguir e identificar diferentes classes de palavras (verbos, conjunções e locuções conjuncionais). •(advérbios, conjunções e locuções adverbiais e conjuncionais). •Reconhecer subclasses das conjunções e locuções subordinativas (conjunções e locuções concessivas e consecutivas). •Verificar, em contexto, a variabilidade ou invariabilidade das palavras (palavras <u>variáveis</u> ou <u>flexionadas</u> e palavras invariáveis ou não flexionadas). •Distinguir formas verbais (tempos, modos e formas nominais estudadas) [cf. B2].
B4.Sx	<ul style="list-style-type: none"> •Verificar experimentalmente a estrutura da frase simples. •Distinguir os diferentes tipos de frase (declarativo, interrogativo, imperativo e exclamativo). •Distinguir e identificar as palavras ou expressões que, numa oração, desempenham funções essenciais e acessórias (predicativo do complemento directo e <u>aposto</u>). •Aperfeiçoar, em textos produzidos na turma, aspectos relativos à concordância (do verbo com os pronomes relativos <i>que</i> e <i>quem</i> e do adjectivo <u>atributo</u> com vários <u>substantivos</u> do mesmo <u>género</u> e

	<ul style="list-style-type: none"> de <u>géneros</u> diferentes). •Distinguir as formas de ligação de orações (coordenação e subordinação). •Verificar a natureza das relações entre diferentes espécies de orações subordinadas (orações subordinadas consecutivas e concessivas; orações subordinadas relativas restritivas com antecedente). •Explorar diferenças de valor estético e semântico resultantes da mobilidade de elementos da frase.
B5. SL	<ul style="list-style-type: none"> •Aperfeiçoar a coesão textual através de palavras de sentido equivalente, de sentido mais geral ou de sentido mais restrito (sinónimos, hiperónimos e hipónimos). •(valor semântico de prefixos e de sufixos de origem erudita utilizados em linguagem técnica) [cf. B2]. •Exercitar processos de enriquecimento do léxico [cf. B2].
B6. SF	<ul style="list-style-type: none"> •Verificar, em contexto, o valor aspectual de formas verbais (verbos conjugados com os auxiliares <i>estar</i>, <i>ir</i>, <i>andar</i>, <i>começar</i>, <i>acabar</i>...).
C. Lex	—
D. RGL	<ul style="list-style-type: none"> •Verificar experimentalmente o papel da pontuação como organizador textual (ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação, ponto e vírgula, reticências, dois pontos, travessão, parêntesis, aspas).